

Primeira parte

Capítulo dois - A exploração familiar e o trabalho assalariado. Limites do debate clássico

John Wilkinson

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WILKINSON, J. A exploração familiar e o trabalho assalariado. Limites do debate clássico. In: *O estado, a agricultura e a pequena produção* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp 31-58. ISBN: 978-85-9966-271-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

*Capítulo dois – A exploração familiar e o trabalho assalariado.
Limites do debate clássico*

1. A influência atual do debate clássico

As polarizações do debate clássico podem ser apresentadas de forma apropriada pelos textos principais de Lênin e Chayanov,¹ uma vez que foi principalmente nesta forma que o debate influenciou as discussões subsequentes.

De fato, a “Escola de Organização da Produção”, da qual Chayanov era o principal porta-voz, alcançou sua proeminência muito depois da publicação de *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, de Lênin, e sua oposição a este apenas tomou a forma indireta de uma luta contra os “Marxistas Agrários”, no contexto do período da Nova Economia Política, na Rússia pós-revolucionária.²

Não obstante, a “Escola da Organização da Produção” foi a descendente orgânica dos pensadores populistas contra os quais Lênin dirigiu seus ataques. Esta continuidade pode ser vista na negação comum da diferenciação social – ou a dissolução do campesinato nas duas classes básicas da sociedade capitalista – como uma tendência dominante ou necessária. Enquanto os primeiros populistas defendiam principalmente uma estratégia política baseada na transição direta da estrutura comunitária do campesinato para o socialismo, Chayanov e seus coautores se limitaram à teorização da lógica não capitalista da família camponesa.

Apesar da crítica de Lênin aos populistas ter tomado a forma de uma caracterização teórica da dinâmica da agricultura camponesa no contexto russo, sua análise pode ser vista como uma crítica antecipada também à escola de Chayanov. E de sua parte, como iremos ver, Chayanov adota os mesmos métodos de análise de dados que Lênin tinha criticado no caso dos populistas.

¹ Lênin, V. I. *The Development of Capitalism in Russia*, Moscou, 1977; Chayanov, A. V. *La organización de la unidad económica campesina*, Buenos Aires, 1976.

² Para uma avaliação definitiva deste debate e das origens da Escola da Organização da Produção, ver Solomon, Susan Gross. *The Soviet Agrarian Debate*, Boulder, Colorado, Westview Press, 1978.

Assim, pode-se contrapor legitimamente os pontos de vista de Uniu e Chayanov baseando-se no fato de que foram eles que determinaram os termos da discussão corrente sobre a “exploração familiar”; mas além disso, apesar de separados por uma geração, seus respectivos textos formam de fato a mais clara expressão das diferenças teóricas básicas das análises populista e socialdemocrata sobre a questão agrária.

A recuperação da análise de Chayanov foi uma resposta às sublevações camponesas do período de descolonização após a Segunda Guerra Mundial, e representa, na prática, o ressurgimento do neopopulismo antileninista.³ Com isso, os termos do debate clássico foram novamente impostos para a problemática camponesa do Terceiro Mundo.

Embora as posições leninistas clássicas houvessem persistido, a resposta do marxismo acadêmico dominante foi a de combinar uma microanálise chayanoviana da exploração familiar com uma teoria da articulação dos modos de produção, interpretando assim a não-diferenciação em termos de uma variante estrutural da acumulação primitiva peculiar ao Terceiro Mundo.⁴

Dessa forma, o arcabouço teórico disponível aos que propõem a tese da agroindústria continua a ser definido pelos termos de referência estabelecidos pelo debate clássico.

Como iremos tentar mostrar, as falsas polarizações deste debate são críticas para uma análise da problemática da subordinação da exploração familiar à agroindústria, uma vez que elas derivam de uma visão comum incorreta da estrutura interna dessa exploração familiar.

Estas limitações não foram cruciais no contexto dos debates da “articulação”, uma vez que a integração do “Setor Camponês” foi vista como sendo apenas externamente ligada à acumulação industrial, e implicando somente uma simples reprodução das características tradicionais de seu processo de trabalho (superexploração e subconsumo).

³ Cf. Harrison, Mark, Chayanov and the Marxists. *JPS* 7 (1), 1979. Também Patnak, Utsa. The Chayanovian View of the Agrarian Question and its Fundamental Fallacy, *Journal of Peasant Studies*, 6 (4) 1979.

⁴ Bartra, Roger. *La teoría del valor y la economía campesina: invitación a la lectura de Chayanov*.

Entretanto, a característica definidora da subordinação à agroindústria é sua intervenção no próprio processo interno de trabalho da exploração familiar, e é neste contexto que a adoção de caracterizações falsas do debate clássico coloca obstáculos cruciais à análise da dinâmica do trabalho familiar integrado aos circuitos da acumulação agroindustrial.

Não tentaremos recuperar este debate clássico como um todo, mas focalizarmos especificamente o tratamento da força de trabalho não familiar, mostrando que, partindo de pontos de vista opostos, ambas as posições em confronto “constroem” uma falsa equação entre a presença de tal força de trabalho e a tendência para a dissolução da unidade de produção familiar na direção da exploração capitalista.

2. Chayanov e a lógica não-capitalista da exploração camponesa

A timidez das análises correntes, que, como já assinalamos, submergem o trabalho extrafamiliar sob a rubrica “trabalho basicamente familiar”, contrasta violentamente com a radical exclusão feita por Chayanov de tal trabalho, exclusão esta encarada como pré-condição para a lógica não-capitalista da exploração familiar:

Nossa tarefa é a de analisar a organização da atividade econômica da família camponesa, uma família que não contrata mão de obra fora, possui seus próprios meios de produção e, ocasionalmente, é obrigada a empregar parte de sua força de trabalho em atividades não-agrícolas.⁵

E novamente:

De fato, é acima de tudo a composição da família que define os limites máximo e mínimo do volume de suas atividades. A força de trabalho das unidades de economia doméstica está completamente determinada pela disponibilidade dos que, na família, estejam aptos para trabalhar.⁶

Repetidamente ele afirma que a unidade econômica familiar deve ser vista como um conjunto indissociável, no qual o trabalho, a terra e o capital são variáveis dependentes que sofrem um contínuo processo de modificação

⁵ Esta citação e a seguinte foram traduzidas pelo autor da versão espanhola citada acima. *Op. cit.*, p. 44.

⁶ *Op. cit.*, p. 47.

num esforço para se estabelecer um equilíbrio entre o dispêndio de trabalho e as necessidades de consumo da unidade familiar:

o problema econômico básico de uma unidade agrícola é a correta e solidária organização do trabalho anual, estimulados pela necessidade básica de cobrir o orçamento familiar anual e pelo desejo natural de poupar ou investir capital se as condições econômicas de trabalho o permitirem.⁷

Desta maneira, no âmbito da exploração familiar, o trabalho não tem um preço fixo por unidade, uma vez que seu valor só pode ser determinado em relação ao resultado do balanço global trabalho-consumo, o qual está submetido a variações contínuas em função dos preços de mercado, fertilidade do solo, tamanho das explorações etc.⁸

Chayanov toma isto claro quando ele contrasta o papel do trabalho na unidade familiar e na exploração capitalista:

Podemos estabelecer um cálculo econômico para a exploração capitalista através da seguinte fórmula:

$$GI - EM + S - NP$$

onde *GI* = renda bruta; *EM* = gasto em maquinaria e matérias-primas; *S* = salários e *NP* = lucro líquido.

Todos os elementos desta fórmula são quantidades que podem facilmente ser expressos na mesma unidade básica – rublos – e um simples cálculo aritmético permite determinar o lucro líquido com precisão. Se o resultado for maior que zero pode-se dizer que a exploração econômica está operando sem perda... Esta fórmula pode ser aplicada para a exploração econômica familiar? É claro que a resposta deve ser negativa. Ela é aplicável no caso da exploração capitalista pois todos os seus elementos podem ser expressos na

⁷ *Op. cit.*, p. 56.

⁸ Deve-se salientar que a aplicabilidade da teoria de Chayanov não foi vista como limitada às condições da economia natural. É fundamental para seu argumento a afirmação de que é a evolução da oferta de trabalho familiar que determina relações com o mercado em termos de escolha de produtos, e não a escolha de produtos que determina as relações com o mercado via mecanismos de preço. Cf. também Harrison M. “[Chayanov] desenvolveu uma teoria sistemática da economia camponesa baseado na estrutura específica da economia camponesa – a utilização do trabalho familiar não-assalariado na exploração familiar. Esta teoria era independente da existência ou não da produção de mercadorias”. Ver *The Peasant Mode of Production in the Work of A. V. Chayanov*.

mesma unidade de valor. Já na unidade camponesa, só se pode expressar a renda bruta e o gasto em insumos em termos de unidades objetivas de valor. Sem salários, a unidade camponesa somente pode expressar seu consumo de trabalho em termos de unidades físicas.⁹

Assim, a exclusão do trabalho assalariado não é simplesmente uma questão empírica, mas uma das precondições, e talvez a mais importante, para a dinâmica peculiar da produção camponesa da forma como Chayanov a vê:

Creio que, desta maneira, consegui demonstrar que a unidade econômica familiar, dada a ausência da categoria salário, difere, em seu comportamento econômico, da unidade econômica baseada no trabalho assalariado, tanto em termos de seus cálculos quanto na motivação para o trabalho. Analogamente, a circulação de capital ocorre de uma forma diferente da modalidade capitalista que foi tão brilhantemente analisada por Marx no volume II de *O Capital*.¹⁰

E novamente:

Se contrapusemos, e continuamos a fazê-lo com particular insistência, a unidade familiar à unidade capitalista, fazemo-lo do ponto de vista de sua organização e produção: a unidade familiar em contraste com a baseada no trabalho assalariado. Neste caso, estamos nos confrontando com duas máquinas econômicas completamente diferentes, que reagem de diferentes maneiras diante dos mesmos fatores econômicos.¹¹

Assim, evidencia-se que, a despeito de defender uma posição empírica diametralmente oposta, Chayanov atribui o mesmo significado que Lênin ao trabalho contratado pela unidade camponesa. Ao comentar o domínio do trabalho assalariado nas unidades de exploração familiar alemãs, ele as descreve como “semicapitalistas”. É também por essa razão que ele limita a aplicabilidade de sua teoria àqueles países onde o trabalho contratado não é uma característica da unidade de exploração familiar.¹²

Esta polarização radical que Chayanov estabelece deriva de que a unidade familiar dependente do trabalho contratado terá custos unitários

⁹ *Op. cit.*

¹⁰ *Op. cit.*, p. 260.

¹¹ *Op. cit.*, p. 266.

¹² *Op. cit.*, p. 124.

fixos, incompatíveis com a flexibilidade do trabalho (que Kautsky chamaria de capacidade do camponês para a autoexploração) requerida para estabelecer o equilíbrio consumo-trabalho. Uma vez que se contrata trabalho, uma lógica capitalista penetra na unidade familiar, que deve agora basear-se em retornos compatíveis com esses custos unitários fixos.¹³

Uma solitária referência no fim do texto de Chayanov estabelece uma distinção entre “trabalho contratado para auxiliar o trabalho familiar” e “trabalho contratado para produzir lucro” (p. 303). Mas esta distinção não é teorizada em nenhum lugar e, de fato, introduz uma distinção puramente subjetiva, que entra em contradição com sua polarização dos dois tipos de trabalho – um que é expresso em custos unitários fixos e se apresenta, desta forma, como uma variável independente, e o trabalho familiar, cujo valor só possibilita objetividade em termos do balanço consumo-trabalho.

É por essa razão que Chayanov esforça-se em minimizar o uso de trabalho extrafamiliar entre os camponeses russos, já que é a inexistência do trabalho contratado que, a seu ver, confere a relevância empírica à sua teoria. Ele afirma que “aquí na Rússia, 90% de todas as unidades camponesas são exploradas puramente na base do trabalho familiar”. Entretanto, no texto, há poucos dados estatísticos para dar suporte a esta posição; os dados que ele compila referem-se a regiões isoladas, e quase certamente só a trabalho permanente.¹⁴

¹³ Cf. também Harrison, M. “A concepção unitária da economia familiar significa também abstrair a economia nacional e analisar a exploração familiar como um empreendimento imune à categoria salário, ao trabalho assalariado e a mercados de trabalho... Pois somente na ausência de relações sociais tanto internas quanto externas foi possível gerar um dos mais celebrados conceitos da tradição chayanoviana: o de que a determinação da quantidade de trabalho empregada na ‘economia camponesa’ resultava não da exploração (alguns por outros) mas da autoexploração – a preferência revelada da família como um todo. Esta foi a base da construção de Chayanov do utilitário balanço trabalho-consumo familiar” (p. 89 in *Chayanov and the Marxists*).

¹⁴ Na página 304 deste estudo, Chayanov se refere aos dados coletados de vários “vezds” (microrregiões) no distrito de Penz, dando um valor médio de 3,5%; dados de orçamento para a área de Starabolsk, que alcançavam a média de 9,9%; e, finalmente, dados de um único “vezd” que forneciam o valor próximo de 7%. Os dados de Lênin são incomparavelmente mais detalhados. Sobre a questão do trabalho permanente, cf. nossa discussão sobre Lênin a seguir, neste Capítulo.

3. Lênin e a base empírica da diferenciação social

Infelizmente, os dados estatísticos usados por Lênin em *Development of Capitalism in Russia* para discutir a questão da contratação de trabalho não coincidem com os de Chayanov, não sendo, portanto, possível uma comparação direta. No entanto, suas fontes gerais são as mesmas – os relatórios dos zemstvos e os dados de orçamentos domésticos e a crítica de Lênin à organização destes dados se aplica igualmente a Chayanov, que adota os critérios interpretativos estabelecidos pelos narodniks, majoritários entre os apurados destes relatórios.

Um elemento chave na tentativa feita por Chayanov para demonstrar o equilíbrio trabalho-consumo foi o dado estatístico mostrando uma correlação entre tamanho familiar e área cultivada. Chayanov argumentou que a Rússia apresentava condições privilegiadas para a plena expressão desta tendência, como um resultado das peculiaridades do sistema de terras comunais. Após a Reforma, na Rússia, foi imposta uma taxa comunal por aldeia, e isto levou a uma redistribuição periódica da terra comunitária em função da capacidade da família para cultivá-la. Teoricamente, portanto, o tamanho da terra refletiria paralelamente ao ciclo da família, revelando assim mais um processo demográfico do que um processo social de diferenciação.¹⁵

Entretanto, o que Lênin assinala é que se ponderações econômicas são aplicadas aos dados (número de cavalos, área de terra alugada, arrendada ou comprada, trabalho assalariado etc.), há uma permanente correlação entre tamanho familiar e bem-estar econômico, e que as maiores famílias são precisamente aquelas que contratam a mais alta proporção de trabalho assalariado:

Notemos que quando se classificam as famílias de acordo com seu poder econômico ou com o tamanho da unidade produtiva, sempre encontramos as maiores famílias no estrato dos mais bem situados do campesinato. Este fenômeno aponta para a conexão entre a burguesia camponesa e as grandes famílias que recebem um maior número de lotes; em parte isto mostra o oposto: indica menor disposição do campesinato mais bem situado para dividir a terra. Não se deve,

¹⁵ Para um bom sumário da questão das terras comunais, cf. Archetti, Eduardo P. *La comuna campesina en Rusia*. In Chayanov, *Op. cit.*

entretanto, exagerar a importância das grandes famílias entre os camponeses mais bem situados, que, como nossos dados mostram, lançam mão em mais alto grau do emprego de trabalho contratado. A ‘cooperação familiar’ da qual nossos narodniks falam tão afetuosamente é então a base da cooperação capitalista (p. 95.)

Ademais, Lênin mostra que o lote já não pode mais ser considerado como o ponto central de referência para determinar a posição do campesinato, como os narodniks e Chayanov seguindo seus passos tentaram argumentar. Ao definir em princípio o tamanho da terra em termos do tamanho do lote, Chayanov despreza o fato de que arrendamento, aluguel e compra de terra tinham reduzido o lote a um elemento subordinado na produção global “camponesa”. Os dados de Lênin mostram que 80% dos camponeses do estrato inferior, constituído por 50% das famílias, alugaram uma parte de seus lotes de terra a outrem, enquanto somente 10% arrendavam terras alheias e outros 10% compraram terra. Do estrato superior, constituído de 20% das famílias, apenas 6% alugavam terras (a outrem), enquanto 60% arrendavam de outros e 80% compravam terra.¹⁶

Ao organizar os dados em bases demográficas (de acordo com o tamanho familiar) ao invés de empregar critérios econômicos, os narodniks e Chayanov, por sua vez, dissimulavam um processo de diferenciação que estava transformando o campesinato. Com uma bateria de estatísticas retrabalhadas, Lênin não deixa dúvidas quanto à realidade deste processo e quanto à existência de divisões de classe, com a formação de um estrato de proletários rurais em confronto com um campesinato bem situado apoiado amplamente no trabalho assalariado.

Entretanto, sérias dúvidas podem ser levantadas com respeito às dimensões deste processo. Com o objetivo de estabelecer as divisões de classe no interior do campesinato, Lênin, na reestruturação dos dados, contrasta as características dominantes do estrato superior, constituído por 20% das famílias, com aquelas do estrato inferior, onde se localizam 50% das famílias. Este método é legítimo se se visa a estabelecer as linhas gerais da divisão de classes no interior do campesinato, mas toma-se questionável quando se afirma que estas percentagens representam estas classes, i.é., que 50% dos camponeses são proletários rurais e 20% compõem a burguesia.

¹⁶ *Op. cit.*, p.132-5.

Entretanto, foi exatamente isto o que Lênin, instigado pela sua luta contra os narodniks, tentou provar.

Lênin usa como base os resultados do censo militar de cavalos argumentando que “em toda a Rússia, a distribuição de cavalos de tração entre o campesinato é muito próxima ao grau ‘médio’ de diferenciação que delineamos em nosso gráfico”. De acordo com estes dados, o número de famílias camponesas sem cavalos ou com apenas um representa 53% da população camponesa. Usando esta classificação, ele então analisa as estatísticas dos zemstvos sobre orçamentos com relação a itens tais como a distribuição de gastos entre consumo pessoal e gastos produtivos, a renda líquida, a importância da renda obtida fora da unidade de produção etc., visando a provar que, de fato, estes 53% representam as dimensões reais do proletariado rural.

Entretanto, enquanto em termos de renda líquida as famílias sem cavalos equivalem grosseiramente às com apenas um cavalo, os outros indicadores estabelecem uma pronunciada diferenciação neste estrato. Enquanto que para as famílias sem cavalos a renda de atividades desenvolvidas fora da unidade de produção (i.é., assalariamento) atinge uma proporção de 51% da renda total, este dado é reduzido para 27% no caso das famílias com apenas um cavalo.¹⁷ De forma semelhante, se comparamos gastos produtivos (em oposição a gastos em consumo pessoal), encontraremos que aqueles se resumem a 13,87% no caso das famílias sem cavalos, e chegam a 33,46% para aquelas com um cavalo. Este valor é comparável ao valor dos gastos produtivos para famílias com dois cavalos, e é apenas ligeiramente inferior aos das famílias com três ou quatro cavalos.¹⁸

¹⁷ Cf. p.154.

Renda média por unidade de exploração		
	<i>da agricultura</i>	<i>da indústria</i>
<i>a</i>	57,11	59,04
<i>b</i>	117,69	49,22

¹⁸ Cf. p.153.

Sobre o gasto da unidade de exploração	
<i>a</i>	13,87
<i>b</i>	33,46
<i>c</i>	32,02
<i>d</i>	35,17
<i>e</i>	37,12
<i>f</i>	61,29

A análise deste dado, portanto, sugeria que as famílias com um cavalo, que representam 25% do total da população camponesa, ao invés de ser definidas essencialmente como de trabalhadores rurais, devam ser consideradas principalmente como famílias camponesas. Tal interpretação é reforçada se considerarmos os próprios dados de Lênin sobre trabalho assalariado empregado pela metade mais pobre das famílias. Estes dados mostram que, em média, mais de 8% dessas explorações empregam trabalho assalariado, e que em três das sete províncias das quais Lênin obtém estes dados, esta média alcança 15%. Se assumirmos que as explorações que empregam trabalho assalariado correspondem às famílias com um cavalo – as quais representam mais da metade deste grupo – os dados para trabalho contratado se tornarão ainda mais significativos, alcançando uma média geral de 16%.¹⁹ Isto poderia indicar, desta forma, que o proletariado rural, ao invés de ser constituído por mais de 50% das famílias camponesas, estaria situado entre 25% e 30%.

Restrições semelhantes poderiam ser feitas à categoria superior de Lênin – os 20% da “burguesia rural”. Se olharmos novamente para os dados oriundos do censo de cavalos, este valor é obtido pelo agrupamento de todas as unidades com três ou mais cavalos.²⁰ Em outra parte, entretanto, Lênin argumenta que o *camponês médio* deveria ser definido como aquele que possui de 2 a 3 cavalos, uma vez que 4 cavalos são necessários para formar um par de juntas.²¹ Se, desta forma, usarmos seu próprio critério e excluirmos aquelas unidades com somente 3 cavalos da categoria superior (a da “burguesia camponesa”), esta última tornar-se-ia uma cifra mais modesta: 11,4%.²² Tal valor se ajustaria melhor aos próprios dados de Lênin sobre assalariamento do trabalho, o qual ocorre em apenas 63% das unidades de produção dentre as 20% superior.²³

¹⁹ Cf. Lênin, *Op. cit.*, p. 135-5.

²⁰ Cf. Lênin, *Op. cit.*, p. 144.

²¹ Cf. Lênin, *Op. cit.*, p. 80: “aqui o número de animais de tração atinge 3,2 por domicílio, enquanto um conjunto completo exige 4 deles. Por isso, a posição das explorações camponesas médias é instável, e para trabalhar sua terra eles têm de recorrer a associações com outros”.

²² *Op. cit.*, p. 144.

²³ *Op. cit.*, p. 132-3.

Embora reconheçamos a correção da ênfase de Lênin sobre a penetração capitalista no campesinato e a existência de contradições de classe, julgamos, com base em seus próprios dados, que as dimensões quantitativas deste desenvolvimento foram grandemente exageradas.

O camponês médio, longe de representar uma minoria de 30% deveria ser considerado como mais de 60% da população total de camponeses.

4. Lênin, o camponês médio e o trabalho assalariado

Mas esta subestimação da proporção representada pelo campesinato médio tem suas raízes numa caracterização apriorística da economia camponesa (entendida como uma unidade de produção baseada na família) como sendo essencialmente um fenômeno de transição no contexto da expansão capitalista.

Na conclusão do segundo capítulo sobre a “Diferenciação do Campesinato”, Lênin sintetiza sua visão sobre o médio campesinato da seguinte maneira:

6) O elo intermediário entre estes tipos de campesinato posteriores à Reforma é constituído pelos *camponeses médios* que se distinguem pelo *menor* desenvolvimento da economia mercantil. O trabalho agrícola por conta própria desta categoria de camponeses cobre sua manutenção talvez somente nos melhores anos e em condições especialmente favoráveis, e por isso ele se encontra em uma situação de extrema instabilidade. Na maioria dos casos, o camponês médio não pode avançar sem contrair dívidas a serem pagas em trabalho etc., sem buscar rendas “complementares” que, em parte, consistem também na renda da força de trabalho etc. Cada má colheita empurra massas de camponeses médios para as fileiras do proletariado. Por suas relações sociais, este grupo oscila entre o superior, que o atrai, mas no qual somente consegue entrar uma pequena minoria de afortunados, e o inferior, ao qual o impele toda a marcha da evolução social. Vimos como a burguesia camponesa *desloca* não somente o grupo inferior dos camponeses, mas também o médio. Opera-se pois uma limpeza dos membros médios e um reforço dos extremos: a “descampesinação”, fenômeno específico da economia capitalista. (p. 184.)

O que é interessante nesta passagem é que ela não encontra substância no texto. Se vale para algum grupo, é mais apropriada para as famílias com um cavalo, que reclassificamos como o estrato mais baixo entre os camponeses médios.

A chave para a tese de Lênin é que o campesinato médio “se distingue pelo menor desenvolvimento da produção mercantil”. Isto é combinado com a suposição puramente teórica de que uma economia camponesa desse tipo, sob o impacto do desenvolvimento capitalista, deve se dissolver em trabalho assalariado ou ser transformada em exploração capitalista:

O velho campesinato não está apenas se ‘diferenciando’; ele está sendo totalmente dissolvido, está deixando de existir, deslocado por tipos de população rural totalmente novos, por tipos que constituem a base da sociedade na qual dominam a economia mercantil e a produção capitalista. Estes tipos são a burguesia rural (pequena burguesia, principalmente) e o proletariado rural, a classe dos produtores de mercadorias na agricultura e a classe dos trabalhadores agrícolas assalariados. (p. 177.)

Porém, se olharmos os dados que Lênin emprega, descobriremos que o campesinato médio (categorias *c* e *d* nos quadros a seguir) tem um nível significativo de gastos produtivos em sua exploração:

Tabela 1 – Sobre gastos produtivos na exploração

Grupos	em rublos	%
a	15,12	13,87
b	58,32	33,46
c	121,42	32,02
d	222,39	35,17
e	347,76	37,12
f	976,84	61,29

Lênin. *Op. cit.*, p. 153.

De forma semelhante, para este campesinato médio a renda em dinheiro proveniente da agricultura, indicando produção comercial, é comparável com a dos grupos que Lênin classificaria como o campesinato “remediado”:

Tabela 2 – Relação entre renda em dinheiro e total de renda da agricultura (em%)

Grupos	%
a	9,68
b	18,55
c	18,93
d	18,45
e	19,17
f	6,02

Lênin. *Op. cit.*, p. 164.

E, finalmente, o gasto em dinheiro dos camponeses médios em itens de consumo doméstico equivale aos de outros grupos:

Tabela 3 – Consumo per capita, em rublos, de ambos os sexos

Grupos	Total em alimentação e outros gastos pessoais	Parte gasta em dinheiro
a	19,21	9,59
b	19,86	7,84
c	27,41	9,31
d	27,71	8,51
e	36,73	13,69
f	33,15	11,73

Lênin. *Op. cit.*, p. 167.

O camponês médio, desta forma, está bastante integrado à produção mercantil. Isto se evidencia mais na questão do trabalho assalariado. Já mostramos que o emprego de mão de obra assalariada é significativo mesmo no caso das famílias com um cavalo. O próprio Lênin não fornece dados não agregados sobre os 30% que ele define como campesinato médio, mas os dados sobre trabalho assalariado para a Província de Perm são particularmente significativos.

Ao se referir a estes dados, Lênin assinala que eles são uma fonte particularmente valiosa, uma vez que “foram adicionados dados relativos à contratação de diaristas” (p. 109). Isto sugeriria, portanto, que as estatísticas gerais empregadas por Lênin e que usamos como base de nossa crítica referem-se apenas ao trabalhador permanente e, assim, subestimam completamente a significância do trabalho assalariado no contexto da produção familiar.

Em termos de área cultivada, Lênin define o estrato médio como aquele que tem entre 10 e 25 dessiatinas cultivadas.²⁴ Então, no quadro a seguir, os dados para o grupo de 10-20 deveriam ser aumentados para se obter uma imagem correta:

Tabela 4 – Percentagem de explorações que empregam assalariados

Área cultivada	Força de trabalho			
	Sazonal	Para ceifa de feno	Para colheita de cereais	Para trilhar
0-5	0,7	5,1	4,7	9,2
5-10	4,2	14,3	20,1	22,3
10-20	17,7	27,2	43,9	25,9
20-50	50,0	47,9	69,6	33,7
acima 50	83,1	64,5	87,2	44,7

Provavelmente, portanto, cerca de 50% do grupo médio emprega diaristas durante o ciclo agrícola, e algo como 20% emprega trabalhadores sazonais. Assim, a força de trabalho assalariado é um componente estrutural da exploração familiar, que compreende a maioria das famílias camponesas.

Os comentários de Lênin a este respeito são de particular interesse. Ele conclui corajosamente que o assalariamento de diaristas “é um indicador particularmente característico da pequena burguesia”. O camponês médio é incluído no “grupo bem-sucedido” de forma a permitir a conclusão geral:

A maioria das famílias camponesas bem-sucedidas empregam força de trabalho assalariado de uma forma ou outra. A formação de um corpo regular de trabalhadores rurais e diaristas é uma condição essencial para a existência do camponês bem-sucedido.

Entretanto, isto também é verdadeiro para o caso do camponês médio.²⁵

²⁴ “Finalmente, examinemos a posição do grupo médio (que cultiva de 10 a 25 dessiatinas por domicílio)”. Lênin, *Op. cit.*, p. 80 (1 dessiatina = 1,1 ha).

²⁵ Cf. comentários de Harrison sobre os dados do distrito de Starobel’sk: “Além disso, há uma substancial área cinzenta, particularmente no intervalo médio, onde os produtores tanto contratavam quanto vendiam força de trabalho no curso do mesmo ano. Desta forma, os dados não revelaram nenhuma ambígua barreira de classe na aldeia (‘village’); além do mais, revelam algum elemento marginal de verdade na ideia de que trabalhar em outra unidade de

Na medida em que Lênin reconhece o uso da força de trabalho assalariada nos mais baixos grupos, ele tenta estabelecer uma nítida distinção entre diaristas, e trabalhadores permanentes, vendo os primeiros como um fenômeno essencialmente de transição:

Finalmente, é muito interessante sublinhar que a relação entre o número de explorações que contratam diaristas e o das que contratam trabalhadores regulares *decrece dos grupos camponeses inferiores para os superiores*. Nos grupos inferiores, o número de explorações que contratam diaristas supera sempre em muitas vezes o das que contratam trabalhadores regulares. Nos grupos superiores, ao contrário, o número de explorações que contratam trabalhadores regulares é, às vezes, superior inclusive ao das explorações que contratam diaristas. (p. 110.)

Entretanto, uma tal conclusão não pode ser tirada destes dados, uma vez que a proporção numérica entre diaristas e trabalhadores permanentes não é fornecida. Nos dados que Lênin fornece na página seguinte, onde os camponeses médios são convenientemente reunidos com camponeses “bem-sucedidos”, a relação entre trabalhadores sazonais e diaristas é particularmente notável:

Tabela 5 – Trabalhadores assalariados

Grupos	Trabalhadores		Famílias
	Sazonais	Diaristas	
Com 1 cavalo	218	28.015	12.851
Com vários cavalos	1.481	106.318	16.484

Lênin. *Op. cit.*, p. 111.

A afirmação feita por Lênin de que o trabalho assalariado permanente viria a predominar nos grupos superiores é mais o resultado de uma teorização apriorística do que uma reflexão sobre uma tendência empírica discernível. Sua conclusão final não é muito mais que uma profissão de fé:

Este fato indica claramente a formação de explorações que empregam trabalhadores nos grupos superiores do campesinato baseados no emprego regular de trabalho assalariado; o assalariamento se distribui mais uniformemente pelas estações do

produção era simplesmente um favor mútuo a ser retribuído com presteza”. Cf. *Chayanov and the Economics of the Russian Peasantry*, p. 409.

ano, o que permite dispensar a contratação mais dispendiosa e problemática de diaristas. (p. 110.)

A repetida equação feita por Lênin entre o assalariamento da força de trabalho e o desenvolvimento da exploração capitalista deriva de sua luta contra os narodniks, os quais afirmavam que:

a contratação de diaristas e de trabalhadores por pequenos períodos para a colheita de cereais, ceifa de feno etc., é um fenômeno demasiadamente generalizado, não podendo servir como critério para a caracterização do vigor ou fraqueza de uma exploração (citando um texto do “Sr. Kharizomanov”, p. 97).²⁶

Levando em conta que tal posição foi formulada como forma de negar qualquer processo de proletarização, a polêmica leninista está corretamente situada. Mas em sua determinação de “esmagar” a posição dos narodniks, Lênin se recusou a reconhecer o caráter híbrido da “típica” exploração baseada na força de trabalho familiar, onde o assalariamento é um fenômeno característico.

Para Lênin, uma vez que a “economia natural” se abra para a produção mercantil, sua tendência é a dissolução nas fileiras do proletariado rural, com uma pequena fração se transformando em produtos capitalistas. Entretanto, os dados indicam um poder de sobrevivência muito maior da pequena produção familiar mercantil. Em parte, isto deve ser explicado pela própria análise leninista da natureza da burguesia “camponesa”. Lênin sustenta, contra os narodniks, que o “mujiqe empreendedor” e o kulak, são uma única e mesma pessoa.

Como já vimos acima, mesmo entre o campesinato bem-situado, o nível de emprego de assalariados permanentes não excede 60%. Também é claro que na maioria dos casos a família continua a trabalhar ao lado do trabalhador assalariado. Mesmo no estrato superior do campesinato, uma exploração claramente capitalista é um fenômeno muito reduzido. Em geral, a maior parte da renda dos camponeses bem-situados deriva de atividades

²⁶ Embora Chayanov seja o representante teórico da tradição narodnik, ao erigir seu modelo ele exclui um importante elemento empírico do conflito leninista/populista, i.é, o “difundido fenômeno” do trabalho extrafamiliar. Na ausência de uma teorização deste fenômeno pelos narodniks, Lênin foi capaz de caracterizá-lo em todos os seus aspectos como uma expressão de diferenciação.

não-agrícolas, entre as quais predominariam atividades de capitalista mercantil:

Tabela 6 – Renda média por exploração

Categoria por tamanho de propriedades	Proveniente da agricultura	Provenientes das indústrias
a	57,11	59,04
b	127,69	49,22
c	287,40	108,21
d	496,52	146,67
e	698,06	247,60
f	698,36	975,20

Lênin. *Op. cit.*, p. 154.

Nota: A letra *f* representa a burguesia camponesa, de acordo com nossa reclassificação.

O capital mercantil, em oposição à exploração capitalista, não obtém seu excedente do trabalhador rural, mas precisamente dos produtores camponeses. O camponês bem-situado, agindo como capitalista mercantil, cria as condições para a sobrevivência dos camponeses (em termos de adiantamentos de crédito) mas, ao mesmo tempo, impede sua transformação num setor de exploração capitalista, através da apropriação de grande parte de seu excedente sob a forma de juros. Isto explicaria a “estabilidade” do camponês médio e seu peso no contexto da agricultura russa.²⁷

5. A teoria de Chayanov e a questão do trabalho assalariado

Podemos dizer, desta maneira, que os dados de Lênin estabeleceram decisivamente a importância do trabalho assalariado no seio do campesinato russo. Entretanto, como o trabalho assalariado era para ele o critério-chave para o desenvolvimento da exploração agrícola capitalista, Lênin interpretou de forma sistematicamente incorreta as estatísticas, concluindo que a presença deste tipo de trabalho “era um indicador particularmente característico da existência de uma burguesia rural” (p. 109, *Op. cit.*), que marcava a dissolução da economia camponesa.

²⁷ A análise no contexto brasileiro poderia sugerir, entretanto, que tal estabilidade é para ser entendida nos termos de uma espiral declinante a longo prazo. Cf. Borges, Maurício. *Um estudo comparativo sobre as formas de organização da produção de arroz no Brasil (1950-1970)*. Campinas, 1977 (mimeo).

Partindo de um ponto de vista inteiramente oposto, no entanto atribuindo a mesma importância à questão do trabalho assalariado, Chayanov afirmou que a inexistência deste fenômeno foi o fator central que assinalou a predominância da economia camponesa com sua dinâmica especificamente não-capitalista.

Com base em nossa crítica aos dados de Lênin, é possível reafirmar a predominância da economia camponesa como defendida por Chayanov, porém marcada por uma dependência significativa do assalariamento e, em particular, do assalariamento por dia.

Agora, vamos verificar se o rigor com o qual Chayanov excluiu a categoria do trabalho assalariado é garantido nos termos de sua própria teoria, isto é, se a dinâmica não-capitalista, tal como ele a analisa, é incompatível com a presença do assalariamento.

Uma possível solução à questão pode ser encontrada no capítulo que Chayanov dedica à lógica da absorção do capital pela unidade camponesa. Ao tentar resolver esta questão, Chayanov assinala que o trabalho familiar é submetido a restrições específicas, e que seus limites são determinados pelo período de seu gasto máximo durante o ciclo agrícola.²⁸

A unidade econômica camponesa normalmente sofre muito com as irregularidades temporais da organização de sua força de trabalho, como uma consequência das características específicas de muitos tipos de cultivos. O período de colheita, com sua máxima utilização de trabalho, determina assim a área total que pode ser cultivada. Se o trigo, uma vez que maduro, pode durar, digamos, uma semana e meia antes que caia, é claro que a área a ser semeada será igual àquela que pode ser colhida numa semana e meia (Chayanov, *Op. cit.*, p. 221).

É por esta razão que Chayanov argumenta que os camponeses comprarão colheitadeiras e outros equipamentos de capital, mesmo que estes, dada a reduzida área de seus lotes,²⁹ possam não se justificar em termos de rentabilidade capitalista. Para a família camponesa, o

²⁸ Cf. também a apropriada formulação de Marx a respeito deste mesmo problema: “Sempre há trabalhadores agrícolas demais para as tarefas comuns e sempre muitos poucos para as necessidades excepcionais ou temporárias do cultivo do solo” (*O Capital*, v. III, p. 693).

²⁹ Não iremos considerar aqui a questão de que, pelo uso das “médias narodniks”, Chayanov possa ter exagerado a pequenez das áreas exploradas pelos camponeses que tinham ceifadeiras.

equipamento (bem de capital) não é um meio para economizar trabalho, mas, pelo contrário, permite seu uso mais extensivo ao longo do restante do ciclo agrícola. Isto possibilita o cultivo de uma área muito maior e, desta maneira, leva a um significativo incremento absoluto da renda bruta, que não poderia ser obtido de outro modo.

Desta forma, a maquinaria incorporada encontra sua lógica nas condições que cria para o aumento da autoexploração da família camponesa:

Tome-se o exemplo de uma família com duas pessoas em condições de trabalhar, e imagine-se que o período possível de colheita seja de 10 dias: com isso, a área máxima que uma família pode colher com seus próprios recursos seria de 4,65 dessiatinas. Como uma dessiatina requer um total de 21,4 dias de trabalho e gera uma renda bruta de 29 rublos e 10 copeques, excluindo as sementes, a família que explora este lote poderia trabalhar 94,8 dias (47,4 dias por homem-ano), aumentando seus meios de subsistência em 139,3 rublos.

Entretanto, com uma colheitadeira mecânica, a mesma família pode mais do que dobrar a área cultivada, e ao plantar digamos 10 dessiatinas, poderia empregar sua força de trabalho por cerca de 200 dias por ano, gerando 291,6 rublos de renda bruta. Se deduzirmos 30 rublos para amortização e reparos, ficaremos com 261,6 rublos, que são superiores em 100 rublos ao que poderia ser obtido somente pelo trabalho normal. Um tal incremento considerável nos meios de subsistência é um ganho enorme para a unidade doméstica, mesmo que do ponto de vista do puro cálculo econômico não seja rentável usar uma colheitadeira mecânica somente para 10 dessiatinas (Chayanov, *Op. cit.*, p. 222).

Embora Chayanov limite a aplicação desta lógica à absorção do equipamento, não há razão para que o emprego do trabalho não possa ser incluído nesta mesma categoria, neste caso sendo comparável ao aluguel da maquinaria. Como vimos, ao discutir os dados dos zemstvos, é o diarista que predomina na unidade camponesa, sendo contratado para cobrir os períodos críticos do ciclo agrícola. Sua lógica não dependeria do critério capitalista de rentabilidade por unidade de trabalho empregado: a unidade camponesa contrataria mão de obra na medida em que isto permitisse um maior uso do trabalho familiar durante o resto do ciclo agrícola, possibilitando assim um incremento significativo na renda bruta ao fim

deste ciclo. Interpretando neste sentido, o uso do trabalho assalariado não necessita invalidar a lógica não-capitalista peculiar à unidade de produção familiar, tal como concebida por Chayanov.

6. Chayanov, a agroindústria e a lógica não-capitalista do camponês

Se adicionarmos às projeções de Chayanov descritas acima, uma tendência à concentração capitalista mais em termos verticais do que horizontais, é possível que tenhamos nele a base teórica para uma análise da nova subordinação da produção familiar à agroindústria.

De fato, como a longa citação a seguir revela, Chayanov conseguiu uma fundamentada avaliação – nítida e muito moderna – da transformação efetivada pela subordinação da produção agrícola ao capital industrial, comercial e financeiro:

Os mecanismos descritos, com suas antenas de ramificações, penetram fundo nas unidades econômicas camponesas, e, embora as deixem livres no que tange à produção, dominam-nas totalmente ao nível econômico. Renda, nível de bem-estar e o poder para constituir capital de algumas destas unidades de produção de linho em Gzhatsk começam a depender, em grau extremamente alto, das relações puramente capitalistas com a Europa Ocidental e, às vezes, dos financiamentos que os bancos norte-americanos oferecem aos moinhos de Belfast.

A máquina comercial, interessada em estabelecer uma qualidade unificada para os produtos que centraliza, também começa a interferir diretamente na organização da produção. Ela dita as condições técnicas, fornece as sementes e fertilizantes, determina os sistemas de rotação e converte seus fornecedores em executores técnicos de seus objetivos e de seu plano econômico. Um exemplo característico deste tipo de intervenção foi o plantio de beterraba açucareira em terras de camponeses, com base em um contrato com as fábricas de açúcar. Tendo regulado os mecanismos de renda e criado a base para o mercado capitalista de matérias-primas, iniciou a penetração ao nível da própria produção no interior do país. Isolou diferentes setores da atividade econômica camponesa, particularmente aqueles voltados ao processamento primário de matérias-primas agrícolas e, em geral, aqueles ligados a processamentos mecânicos. Exemplos óbvios disto são os debulhadores a vapor ambulantes no sul da Rússia, pequenos

moinhos na Sibéria ao fim do século XIX, e as fábricas de processamento do linho na França, além das nossas próprias regiões produtoras de linho.

Se a isto adicionarmos a ampla expansão do crédito hipotecário, o financiamento do capital de giro para a unidade econômica e o papel predominante do capital investido em transporte, elevadores de grãos, armazenamento etc. temos, ante nós, novos modelos de penetração capitalista na agricultura. Os produtores vêm-se transformados em força de trabalho operando meios de produção alienados. Neste sentido, a despeito do caráter disperso e independente dos pequenos produtores de alimentos, a agricultura é transformada num sistema econômico concentrado nas mãos de uma série de grandes empresas, através das quais ela é integrada às mais avançadas formas do capital financeiro. Não é por acaso que, em um exemplo oferecido por N. P. Makarov no contexto americano, somente 35% do total da renda agrícola permaneceu nas mãos dos produtores, enquanto 65% foi apropriado pelas ferrovias, armazenamento de grãos, irrigação e pelo capital comercial e financeiro.

Comparada com esta concentração vertical do capital, a transformação das unidades de produção de 10 em unidades de 100 e até 500 ha, com uma correspondente semi ou completa proletarização de um grande número de produtores, torna-se um mero detalhe. E se este desenvolvimento não ocorre, é claramente porque a exploração capitalista com base na concentração vertical proporciona maiores retornos do que a baseada no modelo horizontal. Além disso, em grande medida, os riscos são transferidos das empresas capitalistas para os produtores no modelo de concentração vertical.³⁰

Esta sintética perspectiva agroindustrial é apresentada como conclusão do estudo básico de Chayanov sobre a economia camponesa que examinamos neste Capítulo. Entretanto, esta conclusão não faz parte da edição alemã original e foi introduzi da, pela primeira vez, na versão russa do mesmo trabalho.³¹ O contexto sugere que esta inclusão fez parte da defesa, por parte da Escola de Chayanov, de uma política de cooperação

³⁰ Chayanov. *op. cit.*, p. 310 ff.

³¹ Cf. a Introdução de Chayanov na edição russa contida em *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires.

vertical como uma forma de manter a estrutura básica da produção camponesa.

Uma análise mais detalhada mostra, também, que não há base para harmonizar os pontos de vista de Chayanov sobre a dinâmica da unidade camponesa com sua caracterização de subordinação desta última à agroindústria. De fato, Chayanov, na citação anterior, implicitamente reconhece este problema nas afirmações contraditórias sobre a articulação da agroindústria com a unidade de produção camponesa.

No parágrafo inicial, ele deixa espaço para sua teoria da determinação interna da dinâmica da unidade de produção camponesa (“embora as deixem livres no que tange à produção”...).

Entretanto, imediatamente após, ele reconhece que “a máquina comercial... também começa a interferir diretamente na organização da produção. Ela dita as condições técnicas, fornece as sementes e fertilizantes, determina os sistemas de rotação e converte seus fornecedores em executores técnicos de seus objetivos e de seu plano econômico”.

Assim, neste contexto, não há mais qualquer espaço para a determinação da produção de acordo com o balanço trabalho-consumo, nem a absorção de força de trabalho externa pode ser vista como subordinada à determinação interna das condições ótimas para a utilização da força de trabalho familiar. O balanço trabalho/consumo não mais depende de critérios subjetivos, mas é predeterminado pelos novos custos de produção impostos pela agroindústria.

Como iremos argumentar em nossos estudos de caso, por maior que seja a validade da teoria de Chayanov para o caso do produtor camponês independente, qualquer lógica autônoma atribuível a este último é subvertida uma vez que a exploração seja subordinada aos meios de produção e ao controle técnico da agroindústria. Mesmo uma teoria chayanoviana reformulada no sentido em que sugerimos para incluir o fenômeno do trabalho externo é completamente inadequada à realidade da produção familiar subordinada aos capitais agroindustriais.

7. Lênin: o camponês médio revisitado

De forma paralela, Lênin também foi forçado a tentar adaptar sua análise em *Development of Capitalism in Russia* à inflexível realidade não-

transitória do camponês. Tal reformulação foi forçada pelo impacto que a revolução de 1905 teve sobre ele:

A origem desse último erro estava no fato de que, definindo *corretamente a direção* do desenvolvimento, definimos de forma inexata o *momento*. Suponhamos que já se haviam cristalizado plenamente na Rússia os elementos da agricultura capitalista, tanto na economia dos latifundiários (exceção feita aos “otrezki” espoliadores, daí a reivindicação de que fossem devolvidas as terras), quanto na economia dos camponeses, em cujo seio nos parecia ter-se formado uma forte burguesia camponesa, que era incapaz de, conseqüentemente, realizar uma ‘revolução agrária camponesa’. O que deu origem a esse programa equivocado não foi o “temor” à revolução agrária camponesa, e sim a *superestimação do grau* de desenvolvimento capitalista na Rússia (p. 78).³²

Entretanto, embora no mesmo texto Lênin reconheça que a “diferenciação definitiva [sic] apenas começou”,³³ sua estratégia política formulada em escritos posteriores continuou a ser baseada numa extrapolação direta da tese da diferenciação com o camponês médio em processo de desaparecimento; a proposta leninista era de lutar para arrancar das mãos dos kulaks o proletariado rural e os camponeses “pobres”.

Esta foi a perspectiva que guiou os desafortunados esforços de organizar “soviets” separados de trabalhadores rurais e comitês especiais para os camponeses pobres. E no período pós-revolucionário, tal perspectiva também levou à identificação de estocagem clandestina de gêneros pelos camponeses como um fenômeno especificamente kulak.

Foi somente em 1921, no contexto da questão agrária alemã, que Lênin admitiu a estabilidade de um campesinato médio empregador de força de trabalho e a necessidade de uma política específica para ele:

Por “camponeses médios”, no sentido econômico, devem ser entendidos os pequenos agricultores que possuem, quer a título de propriedade, quer como arrendamento, pequenas parcelas de terra, de tal modo que, em primeiro lugar, proporcionem sob capitalismo, em regra geral, não só o rendimento necessário para sustentar pobremente sua família e sua exploração agrícola, mas também a

³² Cf. Lênin, V. I. *O programa agrário*. São Paulo, 1980, p. 78.

³³ *Op. cit.*, p. 77.

possibilidade de obter certo excedente, que pode, pelo menos nos melhores anos, converter-se em capital; e que, em segundo lugar, permitam recorrer, em muitos casos (por exemplo: em uma de cada duas ou três explorações agrícolas), ao emprego de mão de obra assalariada. Um exemplo concreto de campesinato médio em um país capitalista avançado é oferecido na Alemanha, segundo o censo de 1907, pelo grupo de explorações de 5 a 10 ha, um terço das quais empregam operários assalariados. Na França, país em que estão os mais desenvolvidos cultivos especiais, por exemplo, a viticultura, que requerem maior emprego de mão de obra, o grupo correspondente emprega, provavelmente, em proporções ainda maiores o trabalho assalariado (“Esboço Inicial das Teses sobre a Questão Agrária para o II Congresso da Internacional Comunista” em *O Problema Agrário* 1 Coleção Fundamentos, p. 94-5).

De qualquer modo, Lênin claramente vê este estrato como essencialmente tendente a uma aliança com a burguesia; enfatiza que o camponês médio não pode ser atraído para o proletariado revolucionário e propõe, então, uma política de neutralização.

Além de uma mentalidade burguesa de “proprietário”, Lênin argumenta que o camponês médio tem uma relação diretamente antagônica com a força de trabalho assalariada.

Assim, embora esta posição represente um avanço em relação à análise do caso russo, a contratação de força de trabalho *não-familiar* é identificada com uma inequívoca relação capitalista, e o fenômeno permanece isolado em um estrato específico da população camponesa.

8. A exploração familiar e a agroindústria nos debates da Segunda Internacional

Dado o incontestável peso de um campesinato médio, contratador de trabalho, no contexto europeu, os debates alemães da Segunda Internacional podem ser tomados como aqueles que fornecem o painel mais adequado do caráter contraditório do processo de trabalho na exploração familiar.

De fato, já no debate de Engels com os socialistas franceses, apresentou-se claramente a oportunidade de se incorporar uma análise mais sofisticada do processo de trabalho camponês. Os socialistas franceses, no seu Congresso de Nantes, haviam clamado por:

proteção extensiva aos produtores que cultivam terras alheias sob o nome de arrendatários e parceiros (*métayers*) e que, *se exploram os diaristas, é porque de certo modo se veem forçados a fazê-lo, devido à exploração de que eles mesmos são objetos*.³⁴

Engels comparou sarcasticamente tal posição com a defesa da exploração capitalista das grandes “plantations”, embora, ao mesmo tempo, ele tenha reconhecido a existência deste tipo de produtor quando identificou o objeto da proposta dos socialistas franceses com os produtores da beterraba açucareira da França e Alemanha, subordinados ao capital agroindustrial:

Na verdade, o parágrafo citado só pretende referir-se a um caso especialíssimo, que é o seguinte: no norte da França, da mesma forma que em nossas regiões de cultivo de beterraba, o camponês toma em arrendamento a terra com a obrigação de cultivar beterraba e sob condições extremamente desfavoráveis. Os arrendatários são forçados a vender a beterraba a uma fábrica determinada e ao preço por esta fixado; são obrigados a comprar uma semente determinada e empregar uma quantidade fixa de adubo indicado, e além disso são vergonhosamente roubados quando entregam a colheita. Tudo isso é bem conhecido também na Alemanha...³⁵

Contudo, ele rejeita a perspicaz formulação dos socialistas franceses que identificaram, neste caso, o emprego de trabalho não-familiar como uma consequência da exploração intensificada resultante da subordinação à agroindústria, reduzindo este fenômeno a um “caso especialíssimo” sem relevância geral para uma caracterização global da produção familiar.

Embora no caso alemão o camponês empregador não pudesse ser ignorado, este camponês “médio” veio a ser caracterizado, quase exclusivamente como camponês “rico”. Este é, em especial, o caso da análise de Kautsky, determinada pela luta contra a facção Vollmar/David do próprio Partido Alemão da Social-Democracia, que propunha um programa especial para a defesa das explorações familiares alemãs.³⁶

³⁴ Cf. Engels, F. *The Peasant Question in France and Germany* citado da versão de *A questão agrária* em português, p. 68.

³⁵ *Op. cit.*, p. 68-9.

³⁶ Cf. Salvadori, Massimo. *Karl Kautsky and the Socialist Revolution, 1880-1938*, especialmente o capítulo dois: “The Fight Against Revisionism”.

Desta maneira, a reafirmada importância de Kautsky no contexto das discussões sobre a exploração familiar e a agroindústria não deriva de qualquer teorização da dinâmica contraditória do processo de trabalho na exploração familiar.³⁷

Mais propriamente, a revivescência de Kautsky se explica pela ênfase que ele dá à subordinação da agricultura à indústria, que é ponto central em sua obra, e pela sua projeção de uma articulação entre a exploração familiar e a agroindústria que reduz o camponês à condição de um trabalhador disfarçado. Baseando-se nos relatórios do Parlamento inglês, Kautsky cita o caso dos produtores dinamarqueses submetidos às cooperativas de leite e, após detalhar os direitos destas com respeito à inspeção e controle do processo de produção, conclui:

Desta forma, o camponês, de dono de sua própria produção agrícola, converte-se, ele próprio, em um apêndice da produção industrial; tendo de submeter-se às demandas desta última, ele se transforma, em parte, em um operário.³⁸

Contraste-se isto com a análise leninista da agroindústria, que focaliza exclusivamente o papel dela como um estímulo adicional à consolidação das explorações rurais capitalistas de larga escala, particularmente em consequência das novas demandas impostas pela qualidade da produção.³⁹

Além disso, Kautsky estava ciente do caráter contraditório da consciência do trabalhador rural, admitindo que demandas por terra poderiam persistir em condições de efetiva proletarianização. Diversamente, a exclusiva ênfase de Lênin sobre a promoção de uma aliança entre trabalhadores rurais e urbanos através da organização independente dos

³⁷ Uma nova reedição de *A questão agrária* de Kautsky apareceu recentemente no Brasil, refletindo a crescente discussão de seu trabalho na literatura corrente. Cf. Wanderley, M. N. B. “O camponês: trabalhador para o capital”, *Op. Cit.*, e Castro, A.C. e outros, *Evolução recente e situação atual da agricultura brasileira*. Também no contexto europeu, ver Mollard (cf. bibliografia).

³⁸ *La cuestión agraria*, p. 286.

³⁹ Mas, de fato, os dados empíricos de Lênin referem-se quase exclusivamente à exploração agrícola em pequena escala e à agroindústria (fumo, beterraba-açucareira, batatas). Cf. p. 292-308 de *Development of Capitalism in Russia*. Kautsky também tende a enfatizar as vantagens advindas da exploração em larga escala no contexto agroindustrial, mas ele entende isso como a capacidade da própria exploração capitalista para se industrializar.

primeiros levou à imputação de uma consciência proletária unívoca ao “trabalhador rural possuidor de um lote de terra”.

9. Conclusão crítica

Assim, enquanto Kautsky, e não Lênin, fornece o referencial clássico mais convincente, nem a tradição marxista nem a populista fornecem um esquema adequado para analisar a dinâmica peculiar da exploração familiar, e particularmente o papel estrutural do trabalho extrafamiliar, o qual desempenha uma função decisiva na evolução daquele tipo de exploração quando submetida à modernização.

Mais do que isto, a presença mais do que casual de tal tipo de trabalho é identificado explicitamente com a transição para uma exploração capitalista por todas estas correntes tradicionais, ainda que r partir de pontos de vista diferentes.

A debilidade peculiar da avaliação clássica marxista, do ponto de vista teórico, é o critério usado para a categorização das unidades de produção familiar, que são analisadas exclusivamente em termos de sua inserção diferenciada no mercado de trabalho. O camponês pobre vende sua força de trabalho, o rico compra a força de trabalho dos outros e o camponês médio não faz nenhuma destas coisas.⁴⁰

Tal abordagem apresenta duas falhas. Não permite uma análise das características específicas que estas unidades de produção camponesas têm em comum, corretamente salientadas pelos populistas e por Chayanov. O mais grave, porém, é que ela trata o mercado de trabalho como uma variável independente, ao invés de vê-lo como uma consequência da forma como a produção camponesa se integra à acumulação capitalista.

Argumentaríamos que tal integração deve ser o ponto de partida para caracterizar as dinâmicas da produção camponesa; a forma e o grau de subordinação ao capital permitem oscilações na articulação das unidades camponesas com o mercado de trabalho sem implicar, necessariamente, em proletarianização ou “kulakização”.

⁴⁰ Isto na versão original de Lênin. Uma vez que a participação dos camponeses “médios” no mercado de trabalho é reconhecida, eles são empurrados para dentro de uma ou outra das duas categorias básicas. A participação no mercado de trabalho tanto como comprador quanto como vendedor é excluída “a priori” de tal análise.

Desta maneira, diferentes graus de trabalho extrafamiliar (seja venda ou compra) representam um contínuo definido pela persistência do agricultor como um produtor direto, e não forma necessariamente a base para uma caracterização de diferenciação de classe.⁴¹

A nosso ver, a ruptura qualitativa é determinada pelo grau em que a integração ao circuito da acumulação capitalista permite a transformação do produtor direto em um administrador exclusivo da força de trabalho de outros. Somente quando o recurso ao trabalho extrafamiliar é analisado como uma variável dependente é que seu verdadeiro lugar no processo de trabalho da produção familiar pode ser apreciado.

Portanto, a título de conclusão, afirmaríamos que nem a tradição leninista nem a populista, que estabeleceram as coordenadas básicas para a análise da produção familiar, são capazes de captar a dinâmica específica de seu processo de trabalho. Esta falha se toma crítica no contexto da ativa intervenção sobre esse processo que é a marca registrada da subordinação imposta pela agroindústria à produção agrícola.

Nos capítulos seguintes, iremos analisar as características específicas do setor minifundiário nordestino, submetendo a caracterização do “pequeno produtor”, da forma como discutida no Capítulo Um, a uma reavaliação crítica. Além disso, iremos demonstrar o papel decisivo do trabalho extrafamiliar e seu crescente peso no contexto da consolidação de uma produção comercial. Ao fazê-lo, prepararemos a base para nossos estudos específicos sobre a modernização do pequeno produtor na Segunda Parte.

⁴¹ É claro que isto não é negar a existência de um proletariado rural “possuidor de um lote de terra”, como veremos no Capítulo Três.